



“Se Deus não existe, tudo é permitido”, ponderava a famosa citação de Dostoiévski. Coloquemos agora uma questão paralela a esta: “Se não há religião verdadeira, tudo é válido?”

Em outras palavras: Se posso adorar *Pacha Mama* — deusa máxima dos índios andinos —, o que me impede de adorar um totem, uma mosca ou um rato como deus?

Se posso adorar um totem como deus, o que me impede de idolatrar ao diabo?

Se todas as religiões são válidas, por que não admitir o satanismo?

Intransigência? Não. Nada de mais lógico...

O reto ecumenismo parte da busca honesta da verdade, jamais no rebaixamento das convicções evangélicas. Parte de um diálogo racional, jamais numa imposição violenta. O prudente teólogo católico sabe discernir as “sementes do verbo” em outras religiões e a partir delas empreender um diálogo sadio. O discurso de Paulo no Areópago nos revela a sua sabedoria em se aproximar dos pagãos atenienses e indicar com verdadeiro zelo quem era

aquele “Deus desconhecido” (At 17, 22-34). Posteriormente muitos outros doutores e santos, como São Justino já nos ensinaram o reto caminho ecumênico.

Voltando às perguntas iniciais acrescentemos: se disposto estou a aceitar até a falsidade “em favor do Cristianismo”, como posso ser membro do Corpo Vivo que é Igreja, “coluna e sustentáculo da verdade” (1Tm 3, 15)?

Sabemos que uma gota de veneno corrompe toda a bebida. Uma semente de erro de uma falsa doutrina leva à morte.

E se o Cristianismo é equiparado ao erro ou ao paganismo? Então Jesus morreu em vão para nos dar a verdadeira vida.

Cardeal Gianfranco Ravasi cultuando a “Pacha Mama”